# Claude Lévi-Strauss: um jovem socialista (1924-1935)

## Claude Lévi-Strauss: un jeune socialiste (1924-1935)

Névio de Campos*

**Resumo:** Este artigo trata da trajetória política de Claude Lévi-Strauss, notadamente do período que se estende de 1924, ano de sua adesão às ideias socialistas, a 1935, quando ele chegou ao Brasil e praticamente encerrou seu engajamento político. Apoiando-se em alguns textos que ele publicou na Revista *L'Étudiant socialiste*, na entrevista concedida a Didier Eribon e na obra autobiográfica *Tristes tropiques*, bem como nos debates da história intelectual/dos intelectuais e sociologia dos intelectuais, busca-se compreender as intervenções políticas dessa personagem à luz do contexto de engajamento dos intelectuais que ganhou alcance para além das fronteiras nacionais no período entre as duas guerras mundiais.
**Palavras-chave**: Claude Lévi-Strauss. Engajamento político. Intelectuais.

**Résumé:** Ce texte porte sur la trajectoire politique de Claude Lévi-Strauss, notamment sur la période qui commence en 1924, où il a adhéré aux idées socialistes, et qui termine en 1935, lorsqu'il est arrivé au Brésil et il a pratiquement mis fin à son engagement politique. A partir de certains textes qu'il a publiés dans la Revue *L'Étudiant socialiste*, de l'entretien de lui avec Didier Eribon et de son ouvrage autobiographique intitulé *Tristes tropiques*, ainsi que à travers les débats de l'histoire intellectuelle/des intellectuels et de la sociologie des intellectuels, cet article est intéressé à comprendre les interventions politiques de ce personnage à la lumière du contexte entre-deux-guerres où l'engagement des intellectuels s'est diffusé au-delà des frontières nationales.
**Mots-clés**: Claude Lévi-Strauss. Engagement politique. Intellectuels.

* Pós-doutor em sociologia dos intelectuais (Ecole des hautes études en sciences sociales); pós doutor em história intelectual (UFPR); Doutor em História da Educação (UFPR). Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## Introdução

Claude Lévi-Strauss se tornou conhecido e reconhecido no campo científico em razão de suas contribuições à etnologia. Na primeira página do livro *Tristes tropiques*, atualizado e impresso em 2019, assim ele é apresentado por Jean-Christophe Rufin, responsável pela reedição francesa:

> Claude Lévi-Strauss, antropólogo e etnólogo, é nascido em 1908 em Bruxelas. Professor [agr*égé*] de Filosofia, doutor em Letras, ele parte em 1935 à Universidade de São Paulo e dirige muitas expedições etnográficas no Brasil. Professor na *New School for Social Research de New York* de 1941 a 1945, Claude Lévi-Strauss se tornou diretor de estudos na Escola Prática de Altos Estudos de 1950 a 1974 e professor no Colégio da França, cadeira de Antropologia Social, de 1959 a 1982. Membro de muitas academias de ciências e de letras na Europa e nos Estados Unidos, ele foi eleito para Academia Francesa em 1973. (RUFIN, 2019, p. 1, tradução nossa).

Observa-se no fragmento anterior a menção direta dessa personagem ao campo acadêmico e nenhuma alusão ao período de sua militância política no Partido Socialista Francês. Essa seleção da trajetória mais conhecida é reforçada quando Rufin ressalta a filiação teórica de Lévi-Strauss, em particular ao dizer que "sua obra, que introduz o estruturalismo na etnologia, empresta da linguística e tenta apreender as regras inconscientes que em todas as sociedades são a base das crenças, dos costumes e das tradições. Claude Lévi-Strauss renovou profundamente as ciências humanas" (RUFIN, 2019, p. 1, tradução nossa).

Destacamos essas passagens para reiterar a representação existente sobre Lévi-Strauss. Essa percepção é recorrente nas pesquisas produzidas no Brasil que se encontram disponíveis nas plataformas Capes e Biblioteca Digital Brasileira, onde identificamos mais de duas dezenas de dissertações e teses[1] que tratam

[1] Seguem as pesquisas que localizamos, discriminadas do ano mais recente ao mais antigo: *A Triste Paulicéia - a imagem de São Paulo na década de 1930, no diálogo entre Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss*, de Thaina Teixeira Cardinalli (2016); *Claude Lévi-Strauss e suas relações com a obra de Sigmund Freud*, de Josué Felipe Silva Maia (2016); *Interfaces do diálogo entre Paul Ricoeur e Claude Lévi-Strauss*, de Geison Amadeu Loschi (2015); *Lévi-Strauss e a tríade da estrutura: a linguagem, o simbólico e o inconsciente*, Tássia Nogueira Eid Mendes (2014); *Ordem e significado: a busca pela ordem nas obras de Eric Voegelin e Claude Lévi-Strauss*, de Aluysio Augusto de Athayde Neno (2013); *Lévi-Strauss e o fim da arte: uma análise comparativa da estética de Lévi-Strauss com as ideias de Arthur Danto e Hans Belting*, de Amanda Cozzi Lopes Pontes (2013); *Herança de um Brasil Central: aspectos do patrimônio indígena brasileiro na ótica dos viajantes e pesquisadores não-brasileiros de Alexandre Rodrigues Ferreira a Claude Lévi-Strauss*, de Viviane Luiza da Silva (2013); *O relógio de Lévi-Strauss: sobre o estatuto da materialidade natural na cosmologia Nambiquara (MT)*, de Olivia Bini Pereira Rosa (2012);

especificamente desse autor, enfatizando suas contribuições às ciências humanas. A prevalência dessa imagem de Lévi-Strauss está vinculada aos seus posicionamentos em relação à participação do cientista social nos debates políticos, mas sobretudo ao seu empenho no exercício das pesquisas no campo da etnologia. Além disso, está associada à configuração do próprio campo acadêmico em que se estabeleceram múltiplas especializações, notadamente a partir dos anos 1950. Sobre esse aspecto sublinhamos uma longa passagem de Jean-Louis Fabiani, originária do *Dictionnaire des intellectuels français*:

> Pela amplitude de sua contribuição teórica à antropologia, Claude Lévi-Strauss é, incontestavelmente, uma das principais figuras intelectuais da segunda metade do século XX: ainda assim, enquanto o período pós-guerra assistiu ao desenvolvimento do modelo intelectual engajado em todas as formas, ele continua a cultivar um certo distanciamento no que diz respeito à intervenção do cientista no mundo social. Ele nunca deixou de se distanciar dos modismos ideológicos que deram origem à onda estruturalista. Ele foi também, após o seu abandono precoce da ação política, um intelectual relativamente retraído. A sua recusa sistemática de tomar posição, de assinar manifestos ou de utilizar o reconhecimento científico a que está sujeito para fazer prevalecer o seu ponto de vista sobre o mundo, distingue-o muito claramente de muitos dos seus colegas. A sua repulsa pelas explosões do Maio 68, as suas reticências às formas

*Raças, naturezas, eurocentrismos: as visões de Claude Lévi-Strauss e Herbert Baldus sobre os indígenas do Brasil*, de Manuel Alejandro Rodríguez Rondón (2012); *A astronomia das constelações humanas. Reflexões sobre o pensamento de Claude Lévi-Strauss e a História*, de Francine Iegelski (2012); *Lévi-Strauss Mitológicas: mito e música entre o largo e o prestíssimo*, de Betânia Maria Franklin de Melo (2012); *Um laboratório de Antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*, de Luisa Valentini (2011); *Fotológicas: uma análise das fotografias de Lévi-Strauss dos povos indígenas Caingangue, Cadiveu e Bororo*, de Carolina de Castro Barbosa (2011); *Novas matrizes míticas em O turista aprendiz de Mário de Andrade e em Tristes trópicos de Claude Lévi-Strauss*, de Sandra Maria Luvizutto Gonçalves (2010); *Poética do lugar em O Turista Aprendiz, de Mário de Andrade, Angústia, de Graciliano Ramos, e Tristes Trópicos, de Claude Lévi-Strauss,* de Cristiane Marques Machado (2008); *Lévi-Strauss: a teoria da arte e a arte contemporânea*, de Amanda Cozzi Lopes Pontes (2008); *Tristes trópicos, de Claude Lévi-Strauss: entre a etnografia e a literatura*, de Melissa Matos França (2006); *O contínuo e o descontínuo em Lévi-Strauss*, de Pedro Augusto Lolli (2005); *Os sentidos da perda: humanismo e desintegração cultural em Tristes Trópicos*, de Karen Lommez Gomes (2005); *Mito e experiência: operadores estéticos do pensamento de Claude Lévi-Strauss*, de Mariza Martins Furquim Werneck (2002); *Minúsculo - incomensurável (Claude Lévi-Strauss, antropologia e arte)*, de Dorothea Voegeli Passetti (1999); *Linguística e antropologia: a linguagem como condição de cultura?*, de Jarbas Couto e Lima (1998); *A Antropologia Estrutural e a relação entre permanência e mudança*, de Everton Nahid Jobim (1996); *O conceito de inconsciente em Freud e Lévi-Strauss*, de Franklin Winston Goldarub (1990); *Antropologia e hermenêutica: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz*, de Celso Azzan Júnio (1991); *A teoria das estruturas elementares em Lévi-Strauss: uma nova concepção do parentesco e do casamento*, de Josefina Lucia Pimenta Lobato de Mello (1985).

> mais ruidosas de anticolonialismo ou antirracismo e as suas críticas às manifestações mais desconcertantes da arte contemporânea poderiam levá-lo a ser colocado no campo do conservadorismo. Na verdade, ele dissocia muito claramente a figura do antropólogo científico da do intelectual engajado: o mundo tornou-se, na sua opinião, demasiado complexo para que um pesquisador possa tomar uma posição, sobretudo ao que acaba de acontecer. (FABIANI, 2002, p. 853-855, tradução nossa).

Essa passagem de Fabiani pode ser bem compreendida ao cruzarmos com a entrevista de Lévi-Strauss concedida a Didier Eribon, especialmente ao tratar do Maio 1968. No momento de explosão das mobilizações daquele ano, ele já estava instalado no *Collège de France* (desde 1959), bem como imerso no estruturalismo. Ao retratar sua posição durante o acontecimento, ele diz: "passei pela Sorbonne ocupada. Com um olhar etnográfico. Também participei, com alguns amigos, de umas sessões de reflexão. Houve uma ou duas reuniões na minha casa" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 106). Ele confessa que não tomou posição diante do que se tornaria um "acontecimento extraordinário", para usar a expressão de Bourdieu (2013a), pois "uma vez passado o primeiro momento de curiosidade, uma vez cansado de algumas originalidades, maio de 68 me enojou" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 106). Se não tomou uma posição pública, isto é, não se engajou, seja em apoio, seja em crítica, ele manifestou uma visão bastante diferente ao que François Dosse (2018) cravou como ebulição dos novos tempos.

> Para mim, maio de 68 representou a descida de uma marcha suplementar na escada de uma degradação universitária há muito iniciada. Ainda no liceu, dizia-me que minha geração, inclusive eu, não suportava ser comparada com a geração de Bergson, Proust, Durkheim quando tinham a mesma idade. Não acho que maio de 68 tenha destruído a universidade; acho, antes, que maio de 68 aconteceu porque a universidade se destruía. (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 106-107).

Diante desse comentário, Didier Eribon o questiona se não estaria negando sua militância política do período de juventude. Em contrapartida, ele observa que:

> Se eu quiser procurar os traços dessa ruptura, posso encontrá-los muito antes, nas últimas páginas de *Tristes trópicos*[2]. Lembro-

[2] Notemos que *Tristes trópicos* foi escrito em 1955. No Brasil, o leitor pode acessar a dissertação *Tristes trópicos, de Claude Lévi-Strauss: entre a etnografia e a literatura*, escrita por Melissa

> me de que me esforcei para manter uma ligação com meu passado ideológico e político. Quando releio aquelas páginas, parece-me que soam falso. A ruptura estava consumada há muito tempo. (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 107).

É importante reter a informação de que Lévi-Strauss abandonou a ação política, o que imediatamente nos remete à assertiva de que, em certo período de sua vida, engajou-se nas lutas do mundo social, isto é, exerceu uma ação intelectual. Nesses termos, entendemos que "um intelectual não é somente um signatário de petição; é um homem ou uma mulher que, por meio dessa atividade, propõe à sociedade uma análise, uma direção, uma moral que seus trabalhos anteriores lhe qualificam para elaborar" (JULLIARD; WINOCK, 2002, p. 12, tradução nossa). Observamos que esta análise procura desenvolver a ideia de que "intelectual é um homem do cultural, criador ou mediador, tomado na situação de homem político, produtor ou consumidor de ideologia" (ORY; SIRINELLI, 2002, p. 10, tradução nossa[3]). Assim sendo, apoiando-se nos textos que Lévi-Strauss publicou na *L'Étudiant socialiste*, na entrevista concedida a Didier Eribon e na obra autobiográfica *Tristes tropiques*, bem como nos debates da história intelectual/história dos intelectuais e sociologia dos intelectuais[4], este artigo debruça-se sobre essa faceta da trajetória dessa personagem, buscando trazer ao debate suas tomadas de posição política, no período circunscrito entre 1924 (ano de sua adesão às ideias socialistas) e 1935 (quando ele veio para o Brasil e praticamente encerrou seu engajamento político), sem deixar de associar tal alteração de percurso ao processo de especialização das diversas áreas das ciências humanas – que culminou na conformação de caminhos tipicamente acadêmicos de inúmeras personalidades - como bem expressa o longo período da vida de Lévi-Strauss dedicado à etnologia em contraposição a sua curta experiência de engajamento político.

Matos França, que poderá ser bastante elucidativa dos sentidos dessa obra no conjunto da trajetória desse autor francês.

[3] As citações de Ory e Sirinelli (2002) são traduzidas por nós.

[4] Essas especialidades são referenciadas a partir das citações ao longo do texto. Mas, neste momento, sugerimos consultar a obra *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual,* de François Dosse (2006).

## Da "vocação política" de Lévi-Strauss

A descrição desta parte é feita a partir da entrevista concedida a Didier Eribon e da autobiografia *Tristes tropiques*, bem como do diálogo com os escritos de Alexandre Pajon (2011a; 2011b) que analisam o engajamento político de Lévi-Strauss. Não abordamos os elementos que dizem respeito ao seu investimento no campo de pesquisa, exceto alguns que se referem a sua formação e ao momento que ele relata como expressão da conversão à etnologia.

O ano de 1935 simboliza o processo de alteração de rota na trajetória de Lévi-Strauss. Não se trata de dizer que a partir daquele momento ele deixou de se interessar pelos debates políticos, pois no Brasil se envolveu em alguns posicionamentos que estavam no centro da discussão dos socialistas e comunistas franceses[5], em particular ao fazer anotações sobre o fascismo nas terras brasileiras (1935). Igualmente, não se pode dizer que os interesses de caráter mais filosófico tenham desaparecido de suas atividades, pois os cursos de metodologia que desenvolvia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), caracterizavam-se fortemente por discussões gerais sobre a constituição das ciências sociais. É possível dizer que não foi a experiência de professor no Brasil que representou efetivamente sua alteração de percurso, mas absolutamente foram suas inúmeras expedições etnográficas nesse país que redundaram no início de uma longa trajetória de pesquisa. Definitivamente, seu envolvimento cada mais extenso e intenso com os estudos etnográficos implicou no arrefecimento de seu engajamento político que caracterizou um período de sua juventude.

Claude Lévi-Strauss teve uma longa trajetória, seja pela intensa produção acadêmica, seja pela sua longevidade que foi de 1908 a 2009. Ele nasceu em Bruxelas, no dia 28 de novembro de 1908. Quando ele tinha dois meses, a sua

[5] Em entrevista de Roger Bastide, do dia 18 de agosto de 1973, concedida à Irene Cardoso (publicada em 1987), ele comenta que a substituição de Lévi-Strauss teve relação com suas posições políticas: "o que eu soube é que tomei o lugar de Lévi-Strauss. E eu aceitei – aceitei depois de muito... tempo. Fiquei um mês pensando antes de aceitar – porque os franceses nessa época não gostavam muito de mudar de país, e ele gostava de estar no Brasil – aceitei depois de falar com Lévi-Strauss. Lévi-Strauss não me disse nada. Eu soube depois que foram feitas duas críticas a Lévi-Strauss. A primeira é que ele era da Frente Popular, na França e que ele teria feito aqui, um artigo ou dois, em favor do movimento da Frente Popular. E Mesquita achava que a Frente Popular era comunista, porque tinha ligações com socialistas e comunistas. Lévi-Strauss não era comunista, era socialista. Mas era de esquerda. E Mesquita mesmo bem liberal, era de direita" (BASTIDE, 1987, p. 185). Nós não localizamos esses textos mencionados por Roger Bastide.

família retornou a Paris, onde realizou seus estudos, tendo passado pelos Liceus Hoche, Janson de Sailly e Condorcet, assim como pela Faculdade de Direito (Direito) e pela *Sorbonne* (agregação em Filosofia, em 1931, e doutorado em Letras, em 1948). Ao acompanhar sua autobiografia em *Tristes tropiques* e a entrevista concedida a Didier Eribon, podemos inferir que sua entrada no Condorcet[6] assinala um interesse de ingressar na Escola Normal Superior, um destino esperado pelos jovens oriundos de um grupo que detinha certo grau de capital cultural. Na passagem seguinte é possível notar algumas indicações das heranças culturais de seus familiares.

> Por acaso. Meu pai era pintor. Principalmente retratista. Meu bisavô, pai da mãe de meu pai, chamava-se Isaac Strauss. Nascido em 1806 em Estrasburgo, ele subiu, como se diz, muito jovem em Paris. Era violinista e tinha criado uma pequena orquestra. Empenhou-se na divulgação da música de Beethoven, Mendelssohn e alguns outros. Em Paris, colaborou com Berlioz, que fala dele nas suas Memórias; e também com Offenbach, para quem escreveu algumas de suas famosas quadrilhas. Sabíamos Offenbach de cor na minha família; ele embalou toda a minha infância. (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 11-12).

Suas memórias revelam que sua origem familiar e social se aproximava de grupos que possuíam uma expressiva herança cultural, isto é, daqueles detentores de bens culturais considerados representativos de alguma distinção social. Ele mencionou esse aspecto ao dizer que suas origens familiares tinham relações com a burguesia parisiense, mas apenas "pela cultura, pela vida num ambiente artístico; foi intelectualmente muito rica. Mas nos debatíamos em dificuldades materiais" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 14). Durante a Primeira Guerra, vive com seu avô materno, na cidade de *Versailles*, como ele mesmo nos revela: "comecei minha escolaridade: na escola pública, depois no Liceu Hoche. Quando voltamos a Paris, entrei na sexta série no Janson-de Sailly" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 16)[7].

Após o período que viveu com seu avô, que era rabino, ele retornou a Paris. Ao se referir ao período seguinte à Primeira Guerra, narra que "depois do Janson,

[6] Escola preparatória para ingresso às grandes escolas, como Escola Normal Superior. O livro de Jean-François Sirinelli (1988) faz uma análise minuciosa desse ambiente escolar e intelectual francês.
[7] Ele fez o primário (cinco anos) em *Versailles*, cidade da Ilha da França.

primeiro fiz um ano de estudos preparatórios para o magistério em Condorcet[8]. Mas choquei-me com as dificuldades do grego e das ciências matemáticas, entre os quais era preciso escolher. Então resolvi embarcar no estudo do direito" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 19). Essa decisão foi tomada a partir da sugestão dada pelo seu professor de Filosofia, André Cresson. Conforme Lévi-Strauss (1990, p. 19), ele "me disse, quando decidi abandonar o preparatório: 'o senhor não foi feito para a filosofia, talvez para alguma coisa próxima'. E sugeriu-me o direito. Na verdade, seria a etnologia, mas ele procurou próximo demais".

As memórias da personagem revelam uma certa ambivalência de sua trajetória de estudante universitário. De um lado, ele desejava estudar ciências humanas. De outro, reportava-se às dificuldades que enfrentou com grego e matemática. Sua escolha por ciências jurídicas ainda continuava a gerar algum incômodo durante o período universitário, em particular porque também seguiu o curso de filosofia[9] (Faculdade de Letras). Alexandre Pajon (2011a, p. 91, tradução nossa[10]) faz uma interessante síntese desses anos de escolarização do eminente antropólogo francês: "Bacharel em 1925, ele foi *khâgneux*[11] no Liceu Condorcet, depois seguiu de 1927 a 1929 os estudos de Direito e Filosofia. Após suas duas graduações, ele abandonou o direito para mirar à filosofia". Nas suas memórias, ele retinha uma visão dualista em relação às instituições universitárias francesas, como podemos depreender de suas notas em *Tristes trópicos*: "por volta de 1928, os estudantes do primeiro ano de diversas ordens se dividiam em duas espécies, podendo quase dizer em duas raças distintas: de um lado, direito e medicina, de um lado, letras e ciências" (LÉVI-STRAUSS, 2019, p. 56, tradução nossa[12]).

[8] No Janson-de Sailly fez o liceu, equivalente ao ensino secundário (hoje, ensino médio no Brasil), cursando o preparatório (*khâgneux)* no Condorcet para ingresso no ensino superior durante 1926.
[9] Naquele momento não existiam cursos de ciências sociais ou sociologia na França, embora durante a graduação se pudesse realizar estudos específicos com algum professor ou em alguma disciplina. Para mais informações consultar artigo de Laurent Mucchielli (2001). Uma síntese do processo anterior à institucionalização das ciências sociais nas universidades francesas pode ser encontrada na entrevista de Johan Heilbron que foi publicada na *Revue d'Histoire des Sciences Humaines* (2006). Uma visão precisa das universidades francesas do final do século XIX pode ser encontrada no texto de Cristophe Charle (1983).
[10] Todas as citações de Pajon (2011a; 2011b) são traduzidas por nós.
[11] Estudo preparatório para ingresso nas grandes escolas e universidades francesas. Mais informações, consultar Sirinelli (1988).
[12] As citações de *Tristes tropiques* (2019) são traduzidas por nós.

Ele revela as disparidades entre os estudantes universitários franceses, cuja descrição abaixo traz maior detalhamento ao dize que:

> De um lado, uma "juventude" (no sentido em que o folclore tradicional toma o termo para designar uma classe de idade) agitada, agressiva, ansiosa para se afirmar ao preço da pior vulgaridade, politicamente orientada à extrema direita (da época); de outro, adolescentes prematuramente envelhecidos, discretos, retraídos, geralmente "à esquerda", trabalhando para serem admitidos no universo dos adultos. (LÉVI-STRAUSS, 2019, p. 56).

Lévi-Strauss mostra como se manifestavam tais diferenciações, aspectos que nos ajudam a compreender sua incursão pelas letras, assim como sua adesão política ao movimento socialista francês. Na sequência, ele menciona quais eram as expectativas que conformavam os jovens estudantes das Faculdades de Direito e Medicina.

> Os primeiros, que se preparam ao exercício de uma profissão, celebram pela sua conduta, a libertação da escola e uma posição já tomada no sistema das funções sociais. Posicionados numa situação intermediária entre o estado indiferenciado do estudante do ensino secundário [ensino médio] e a atividade especializada à qual se destinam, eles se sentem em estado marginal e reivindicam os privilégios contraditórios próprios à uma ou à outra condição. (LÉVI-STRAUSS, 2019, p. 56).

O depoimento acima assinala que as tradicionais faculdades, notadamente de Direito e Medicina consistiam em espaços reservados aos herdeiros. Em contrapartida, numa posição distinta estavam os estudantes das Faculdades de Letras e Ciências:

> Nas letras e ciências, as saídas habituais: docência, pesquisa e algumas carreiras imprecisas, são de outra natureza. O estudante que as escolhe não diz adeus ao universo infantil: ele tenta conservá-lo. O professorado não é o único destino oferecido aos adultos que lhes permite continuar na escola? O estudante de letras ou ciências se caracteriza por uma espécie de recusa que se opõe às exigências do grupo. Uma reação quase convencional o incita a recolher-se temporariamente ou de forma mais duradoura, no estudo, na preservação e na transmissão de um patrimônio independente do tempo que passa. Quanto ao futuro cientista, seu objeto é proporcional à duração do universo. Nada é, portanto, mais falso do que convencê-los de que estão comprometidos; mesmo quando acreditam que estão fazendo isso, seu compromisso não consiste em aceitar um dado, em se

> identificar com uma das funções, em assumir as chances e os riscos pessoais; mas julgá-lo de fora e como se não fizessem parte dele; o seu engajamento é ainda uma maneira particular de continuarem livres. Desse ponto vista, ensino e pesquisa não se confundem com a aprendizagem de uma profissão. Sua grandeza e sua miséria é ser, quer um refúgio ou exercer uma missão. (LÉVI-STRAUSS, 2019, p. 56).

As indicações de Lévi-Strauss podem ser melhor compreendidas se cruzados com os estudos da sociologia da educação francesa, especialmente com o livro *Os herdeiros* (2014) de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Além disso, esses dados autobiográficos indicam como se desenharam suas escolhas profissionais, em particular sua conversão à profissão de etnólogo. Assim sendo, citamos essas partes que apresentam sua percepção do contexto de sua formação universitária a fim de contextualizar a condição de engajamento dos estudantes daquele momento. As notas escritas por essa personagem podem ser cotejadas com um conjunto de estudos que retratam a história francesa da primeira metade do século XX. Após a Primeira Guerra, os desdobramentos dos confrontos do caso Dreyfus estavam presentes nas frentes de engajamento intelectual, como mostram Gisèle Sapiro (1999; 2018), Pascal Ory e Jean-François Sirinelli (2002), Jean-François Sirinelli (1988) e Chistophe Charle (1994a; 1994b). As memórias de Lévi-Strauss se referem às disputas intelectuais no campo político, onde tiveram grande visibilidade as expressões direita e esquerda[13]. Segundo Pascal Ory e Jean-François Sirinelli:

> À direita, a Ação Francesa conhecia um segundo apogeu e continua, ao menos até 1926, a ser um polo dominante nos fluxos de magnetização dos intelectuais e um ponto de referência ideológica. De outro lado, as correntes radicais e socialistas originárias do grupo à Dreyfus irrigavam especialmente a República dos Professores, politicamente vitoriosa em 1924. (ORY; SIRINELLI, 2002, p. 77-78).

Essas composições ideológicas, como relatou Lévi-Strauss, alistavam parte dos estudantes franceses. Na Faculdade de Direito prevalecia um grupo ligado à direita, amalgamado pela Ação Francesa. Em meados da década de 1920, "o

[13] O leitor poderá aprofundar o entendimento do uso dessas categorias espaciais no campo político e no campo da literatura, consultando as seguintes obras de Gisèle Sapiro: *De l'usage des catégories de* "droite" *et de* "gauche" *dans le champ littéraire* (2001) e *Les écrivains et la politique: de l'Affaire Dreyfus à la guerre d'Algérie* (2018).

movimento de Charles Maurras reina no *Quartier Latin*. A Ação Francesa era largamente introduzida nos arredores escolares e universitários" (ORY; SIRINELLI, 2002, p. 81). Igualmente, conforme assinalam esses autores:

> Certamente, a esquerda republicana, nas suas diferentes acepções, estava representada no meio estudantil. A Liga de Ação Universitária Republicana e Socialista (LAURS) apareceu em 1924. No momento de nascimento da LAURS, o espaço da esquerda estava largamente descoberto em razão da ausência de uma organização de estudantes socialistas. Foi no inverno 1925-1926 que renasceu um grupo parisiense após Congresso de Tours, e um ano depois ocorreu a reorganização de uma Federação Nacional dos Estudantes Socialistas. É Maurice Deixonne, futuro presidente do grupo parlamentar socialista na Assembleia Nacional que assume a direção inicial, seguido de Claude Lewy, Claude Lévi-Strauss em 1928 e Émille Lefranc nos anos seguintes. (ORY; SIRINELLI, 2002, p. 79-80).

Essas clivagens ajudam a entender a experiência política de Lévi-Strauss. Conforme suas observações, acessou a literatura socialista e marxista aos dezesseis anos, quando teve contato com amigos originários da Bélgica. Nas férias do ano de 1924 se aproximou de um "jovem militante socialista belga, já conhecido no seu país. Interroguei-o sobre autores dos quais não se ouvia falar no âmbito dos estudantes secundários: Marx, Proudhon... Ele pediu que eu os lesse. E Marx me fascinou imediatamente" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 17).

Essa personagem relata ao entrevistador como ocorreu sua aproximação com os escritos marxistas. De leitor ele se converteu em militante socialista. Ou tudo poderia ter acontecido conjuntamente, como deixa transparecer na passagem abaixo:

> Ele me converteu. Ou será que eu me orientei espontaneamente para essa conversão? Não saberia dizer; mas ele fez de mim, durante algum tempo, uma espécie de pupilo do Partido Operário Belga. Meu primeiro texto publicado foi impresso pela editora do POB, *L´Églantine*: uma brochura sobre Gracchus Babeuf, cuja existência prefiro esquecer. E tornei-me ativo dentro do Partido Socialista Francês, que se chamava então SFIO (Seção Francesa da Internacional Operária)[14]. (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 17-18).

[14] Consta nesses arquivos que sua denominação era conhecida por *Parti socialiste SFIO* (Paris); *Parti socialiste unifie SFIO* (France) - *PSU-SFIO*; *Section française de l'internationale ouvrière (SFIO)*. Informações disponíveis em: https://data.bnf.fr/fr/11990935/parti_socialiste_sfio_france/. Acesso em: 18/11/2019.

A SFIO foi criada em 1905, na tentativa de unificação dos socialistas franceses, cuja existência data até 1969. A SFIO se originou da fusão do Partido Socialista Francês e Partido Socialista da França, no Congresso de Amsterdã. De acordo com Stéphane Clouet (2002, p. 1284), durante os anos "1905-1914 [SFIO e Partido Socialista] foram dominados por Jaurès e pelo socialismo dos intelectuais". A história da SFIO é marcada por muitas disputas, como as divergências que resultaram na sua retirada da II Internacional, em fevereiro de 1920, e a fundação da Seção Francesa da Internacional Comunista (SFIC), em dezembro do mesmo ano (Partido Comunista Francês). Após o Congresso de Tours (1925), a SFIO se reorganiza tendo à sua frente:

> Paul Faure, secretário geral do partido, de formação *guesdista* [doutrina ligada ao líder socialista Jules Guesde], e Leon Blum, diretor do *Populaire*, secretário do grupo parlamentar que, face à disputa comunista, esperava manter-se fiel ao espírito da '*vieille Maison*' [socialismo democrático]. A cultura socialista é, igualmente, renovada pelos contatos com a CGT (Instituto Superior Operário de 1932 a 1939), abertura às classes médias, relações com a franco-maçonaria, organizações laicas, os intelectuais... Muitos socialistas militam no Comitê de vigilância dos intelectuais antifascistas (CVIA) ou nos albergues da juventude, supervisionando os *Faucons Rouges* [*movimento falcões vermelhos*]. Nos anos 1930, depois da cisão neo, o debate é animado por pequenas revistas, geralmente à esquerda do partido: *Révolte* (1931-1934), *Combat marxiste* (1933-1936), *Idée et action* (1936-1937), *l'Étudiant socialiste* (desde 1926)... (CLOUET, 2002, p. 1284-1285, tradução nossa).

A passagem anterior nos remete ao ambiente de engajamento de Lévi-Strauss. As fileiras das lutas comunistas e socialistas estavam em ascensão nos anos 1920. Essa atmosfera parisiense e dos espaços universitários constitui parte importante dos aspectos que condicionaram a militância política dessa personagem, especialmente porque ele ressalta que tal posicionamento não estava associado diretamente às origens familiares.

> Ninguém tinha engajamento político. Do lado materno, na casa do grande rabino de Versalhes, estava-se a mil léguas de qualquer preocupação desta ordem. Do outro lado: boa família burguesa que conhecera dias melhores, dotada de um temperamento conservador. A não ser, provavelmente, na juventude de meu pai e de meus irmãos, no tempo do caso Dreyfus. Eles contavam que

> tinham ido a uma manifestação dreyfusista, em que Jaurès falava. Aproximaram-se no fim para agradecer-lhe e Jaurès lhes deu uma resposta equívoca. 'Espero — disse — que os senhores se lembrem disto'. O que significava: 'Vocês vêm a nós, mas se afastarão logo depois'. Era a pura verdade". (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 18).

A sua iniciação às leituras socialistas, especialmente de Marx, associada ao clima das faculdades de letras nos ajudam a compreender as condições do engajamento de Lévi-Strauss. Segundo ele, "fui secretário do Grupo de Estudos Socialistas das Cinco Escolas Normais Superiores, mesmo não sendo normalista, e fui até secretário-geral da Federação dos Estudantes Socialistas" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 18). O período de grande envolvimento político ocorreu entre 1928 e 1930, uma vez que após passou a se dedicar aos estudos para concurso ao Liceu. Nesse período, como atesta Alexandre Pajon, ele escreveu seu memorial[15].

> De 1929 a 1930, sob a direção de Célestin Bouglé, trabalhou numa dissertação intitulada: *Les Postulats de la théorie du matérialisme historique* [*Os postulados da teoria do materialismo histórico*] (trabalho que não encontramos), e preparou *Les Saint-Simoniens* [*Os sansimoneanos*] para sustentação oral. O encontro com Célestin Bouglé permitiu que Lévi-Strauss entrasse em contacto com um aspecto particular da sociologia. Foi classificado em terceiro no seu primeiro concurso para a *Agrégation* de Filosofia, sendo convocado em 1931. (PAJON, 2011a, p. 91).

Ao lado da militância política, Lévi-Strauss investiu na sua formação com vistas a integrar na profissão docente. No entanto, antes de sua nomeação ao cargo de professor, exerceu serviço militar em Estrasburgo durante quatro meses. E em outubro de 1932, assumiu a função de professor no Liceu de Mont-de-Marsan, cidade que fica ao sudoeste da França, sem deixar as atividades políticas.

> Comecei a trabalhar no dia lº de outubro de 1932, e logo me envolvi com a política local. Candidatei-me às eleições cantonais. O caso deu uma guinada porque tive um acidente de carro. Eu estava dirigindo sem carteira. Meu amigo de infância e camarada de partido socialista, Pierre Dreyfus, que mais tarde tornou-se presidente da Renault, depois ministro da Indústria de François Mitterrand, tinha comprado aquele carro de segunda mão: um Citroen cinco cavalos. Trouxe o carro até Mont-de-Marsan e

[15] Correspondente ao mestrado no Brasil (atualmente corresponde ao último ano da graduação e preparatório ao doutorado, chamado de *master* 1 e *master* 2)

> saímos juntos para fazer campanha. Uma hora depois enfiei o carro numa vala. Foi o primeiro dia da campanha, e o último também. (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 24).

Durante um ano trabalhou nesse Liceu, mudando em seguida para Laon que fica à região noroeste da França. Nesse período, ele relata que continuava na ação política: "mais em Paris do que em Laon, onde eu não me demorava, embora a cidade, com sua rudeza austera, tivesse atrações. Sua catedral, atarracada e parecendo acocorada, tem um aspecto surpreendente" (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 25). Em Laon, ficou um pouco mais de um ano, partindo no início de 1935 para o Brasil. Seu engajamento político praticamente desapareceu, embora aqui ele tenha convivido num clima de certa ambivalência, pois o grupo dirigente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo era marcadamente alinhado à tendência ideológica liberal. Mas, como bem mostra Alexandre Pajon, "durante estes anos cruciais, entre 1935 e 1955, passou regularmente por períodos de dúvidas sobre a sua carreira ou sobre o seu destino. Ele ainda estava à procura do seu caminho" (PAJON, 2011a, p. 93). Nessa longa travessia, entre seu itinerário socialista e sua "vocação" etnográfica, é elucidativa a tomada de posição nos acontecimentos políticos da França, pois, de acordo com Pajon, "sua assinatura pode ser encontrada, em 1955, ao final de uma carta de apoio à criação de um comité de ação para a paz na Argélia. Desta assinatura [...] ele não guardou qualquer recordação. Recusou-se a assinar o Manifesto dos 121"[16] (PAJON, 2011a, p. 93). Pelo exposto, observa-se uma alteração de sua percepção dos movimentos políticos, deixando de se engajar nas frentes políticas que tocavam fortemente parte dos intelectuais franceses, no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial.

## Alguns escritos políticos de Lévi-Strauss

Neste momento, tratamos do engajamento político desse jovem francês, tomando alguns textos que estão nos seus arquivos pessoais na Biblioteca

[16] Manifesto de 121 intelectuais em defesa da libertação da Argélia, publicado em 6 de setembro de 1960. Mais informações consultar Gisèle Sapiro (2018), Michel Winock (2000) e Jean-François Sirinelli (1990).

Nacional da França[17]. Nem todos estão arquivados nos dados pessoais da Biblioteca Nacional. Porém, nas edições da Revista *L'Étudiant socialiste* podem ser acessadas todas as publicações de Lévi-Strauss, como indica Pajon (2011a; 2011b). Assim sendo, não se trata de expor a organização dos escritos políticos, mas do uso daqueles que localizamos para construir uma visão representativa dos combates políticos desse jovem socialista. Como vimos no item anterior, seu envolvimento com as ideias socialistas teve início nas férias do verão de 1924, portanto, quando estava no Liceu assumiu sua posição ativa na política. É interessante observar que o contato com o jovem militante belga não parece ser tão espontâneo, pois Lévi-Strauss revela que solicitou informações sobre leituras socialistas que não circulavam nos espaços escolares parisienses. Isso já denota um certo conhecimento e interesse do jovem estudante francês, expressando que já respirava uma certa atmosfera dos movimentos socialistas e comunistas da capital francesa. Sua inserção, conforme Pajon, ocorreu logo após os primeiros contatos com os escritos socialistas, mostrando que naquele momento já estava imerso nas trincheiras políticas:

> Claude Lévi-Strauss juntou-se às fileiras dos estudantes socialistas em 1925-1926, quando rapidamente assumiu funções de coordenação à medida que participava nas reuniões da seção da SFIO do 16º *arrondissement*. Podemos perceber uma intensa atividade militante, como indicam seus depoimentos e vestígios deixados nos arquivos. (PAJON, 2011a, p. 91).

No período em que estava na universidade, sua vida política era intensa, pois foi "Secretário Federal dos Estudantes Socialistas de 1927 a 1928, assumindo parte das responsabilidades pela publicação [da revista *L'Étudiant socialiste*], e redigindo inúmeros artigos e resenhas de livros" (PAJON, 2011a, p. 91). Além disso, ele passou a conviver com a vida político-partidária, quando "de 1928 a 1929 foi secretário do deputado socialista Georges Monnet, acompanhando de perto a vida parlamentar do partido e da III República" (PAJON, 2011a, p. 91). Segundo Alexandre Pajon, "próximo de Georges Lefranc ele defendia uma renovação da doutrina da SFIO e colaborava com o projeto de Revolução

[17] Os artigos estão na BNF, sob a classificação NAF 28150 (64) (cote) - Articles 1 (1928-1951). Mais informações em: https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc134071/ca417. Acesso em: 20/10/2019.

construtiva, mas o seu ingresso no serviço militar o afastou da militância, embora não tenha deixado de escrever artigos para *L'Étudiant socialiste* (1931-1932)" (PAJON, 2011a, p. 91).

A *L'Étudiant socialiste*, órgão da Federação Francesa dos Estudantes Socialistas, existia desde 1926, na qual Lévi-Strauss assumiu a função de redator, no final daquela década, conforme assinala Alexandre Pajon (2011b). Nos arquivos da Biblioteca Nacional da França, nós encontramos três artigos publicados por ele, além do manuscrito intitulado *Le fascisme au Brésil*, rascunhado em 10 de maio de 1935: 1) *Réponse à Monde. Littérature prolétarienne? Non! Littérature révolutionnaire* (outubro de 1928); 2) *Le Socialisme et la Colonisation* (outubro de 1929); 3) *L'étudiant socialiste - vers une culture nouvelle - socialisme et laïcité - Discours prononcé à Saint-Martin de Seignanx (Landes) à l'occasion de l'inauguration d'une école laïque* (março de 1933).

É importante assinalar que os escritos desse jovem socialista vão além dos que utilizamos neste artigo, em particular pelas resenhas e notas que publicava. Alexandre Pajon (2011b) analisa o engajamento de Lévi-Strauss, que consistia na direção de entidades socialistas e na tentativa de produção de uma linha teórica do partido. Nesse sentido, selecionamos uma pequena passagem de Pajon:

> [...] Claude Lévi-Strauss foi capaz de ostentar-se durante algum tempo como teórico do partido. As suas intervenções em *L'Étudient socialiste* entre julho-agosto de 1928 e dezembro de 1932, um artigo na imprensa socialista, complementados por parte das correspondências e, sobretudo, o seu próprio testemunho, permitem-nos melhor compreender a evolução desse pensamento um tanto ambicioso. Todos esses pequenos textos tornam possível seguir um pensamento em processo de constituição. (PAJON, 2011b, p. 71).

Pretende-se trazer alguns elementos para entender o contexto das publicações políticas de Lévi-Strauss. De acordo com Pajon (2011b, p. 78), "cronologicamente, com exceção de sua participação em conferências e mesas redondas, o primeiro artigo de Claude Lévi-Strauss, na condição de estudante socialista, intitula-se '*Littérature prolétarienne*'; ele é complementado pela '*Réponse à Monde*'". O primeiro foi publicado na décima edição da *l'Étudiant socialiste* (julho-agosto 1928). Esse texto discorre sobre o conceito de literatura engajada. A Resposta à Revisa *Monde* (edição de outubro de 1928) se trata de

uma tréplica à crítica feita por Augustin Habaru, na Revista *Monde*, criada por Henri Barbusse, em junho de 1928. Naquele momento, Barbusse convidou Habaru para compor a equipe de sua redação, que passou a assumir a função de diretor-chefe até 1930. Essa revista se manteve até 1935, assumindo um caráter de crítica literária. Esse conflito público, entre os redatores da *Monde* e da *L'Étudiant socialiste,* estava inscrito no seio da disputa pela definição do papel social da literatura, como bem sintetiza Jean-Charles Ambroise:

> Em agosto de 1928, a revista *Monde*, fundada dois meses antes pelo escritor comunista Henri Barbusse, lançou uma grande enquete sobre a literatura proletária. Ao obter uma significativa adesão de autores reconhecidos, Barbusse converteu esse debate, tido até então como política, numa questão de ordem literária. O debate que se inicia destaca os mecanismos do campo literário que contribuem para defender sua autonomia: os seus atores recorrerão cada vez mais às mediações das instâncias literárias comunistas, em particular a dos críticos da Revista *Humanité* [órgão oficial da SFIC]. Esta crise, que na realidade se constituía em torno das possibilidades de uma literatura proletária, só será resolvida na década de 1930. (AMBROISE, 2001, p. 41, tradução nossa).

É nesse contexto que a disputa entre Lévi-Strauss e Habaru se estabeleceu, ou melhor, o confronto entre comunistas e socialistas. Albert Ayguesparse, em entrevista concedida a Jean-Charles Ambroise, ajuda-nos a compreender o clima que envolvia a enquete lançada pela revista *Monde*:

> [Habaru] defendia a literatura proletária, (...) pediu-nos para [redigir o manifesto] a fim de ter uma razão para conduzir a sua campanha a favor da literatura proletária na *Monde*. (...) Coisa bastante curiosa quando o escrevemos, pois nunca pensamos nos escritores que podíamos considerar como escritores proletários (...) pensamos, sobretudo, em nós mesmos que estávamos de acordo com a literatura proletária e a reunir outros escritores em torno dela. (AYGUESPARSE, 1995 apud AMBROISE, 2001, p. 44, tradução nossa).

Nessa ambiência se lançou Lévi-Strauss. O início do texto de Lévi-Strauss, embora mencionasse uma incompreensão entre Haburu e ele, logo explicitava a existência de um entendimento diferente a respeito da ideia de literatura engajada, cujo título já é bastante esclarecedor:

> Em "Monde" de 4 de agosto, o Senhor Habaru responde ao meu artigo. Lamento que um corte infeliz o tenha feito entender mal o meu pensamento, tal como ele me censura por ter entendido mal o seu modo de pensar. Mas deixemos isso de lado. Se tivéssemos nos entendido perfeitamente, o senhor Habaru e eu não estaríamos, penso eu, mais de acordo. (LÉVI-STRAUSS, 1928, p. 9, tradução nossa[18]).

A passagem anterior revela um tom irônico em relação ao mútuo desentendimento entre eles. Mas logo reafirma que socialistas e comunistas não partilhavam da mesma acepção no diz respeito ao papel da literatura e do escritor. Depois do parágrafo inicial, Lévi-Strauss apresenta em poucas linhas sua consideração sobre a enquete promovida pela *Monde*:

> Se bem compreendi, os temas de reflexão que "Monde" propõe à opinião intelectual não dizem respeito à definição de um conceito, ou à discussão da sua adequação. O Sr. Habaru considera a arte proletária como uma realidade, futura talvez, em qualquer caso inescapável, cujo nascimento está rigorosamente ligado à revolução social. Isto colocou - ou melhor, supostamente - o Sr. Habaru apenas procura saber se, a partir de hoje, é possível descortinar os primeiros contornos da arte proletária. Para a "Monde", o problema doutrinal está resolvido. A enquete de seu colaborador é apenas uma investigação no domínio experimental, uma simples revelação de medidas. (LÉVI-STRAUSS, 1928, p. 9).

O fragmento do artigo de Lévi-Strauss revela a divergência entre os dois posicionamentos, cuja discussão consistia em pensar a relação do escritor e da literatura com o mundo social. Como observa Pajon (2011b, p. 78), "o debate era clássico: existiria uma forma de literatura proletária, revolucionária?". De sua parte, Lévi-Strauss questionava a validade da enquete de Henri Barbusse, notadamente ao sublinhar "[...] que não podemos esperar localizar uma criação artística proletária numa sociedade que continua dominada pela burguesia, portanto, pela cultura burguesa, exprimindo sua fidelidade às análises marxistas" (PAJON, 2011b, p. 78).

Ao final da tréplica, Lévi-Strauss expõe especificamente a relação entre obra e suas condições sociais de produção:

> Quando a *Monde* nos pergunta "não pensam que a produção artística e a literatura pode ou deve ser o reflexo das grandes

[18] As citações dos artigos de Lévi-Strauss (1928; 1929) são traduzidos por nós.

> correntes que determinam a evolução social e econômica da humanidade"?, só podemos responder: sim. A evolução artística e a evolução econômica são a expressão da mesma causa: as forças imediatamente humanas da evolução. Mas se concordamos com isto, não significa dar razão a outras coisas: pois, se, como sustenta a *Monde*, a produção artística e a evolução econômica são, da mesma forma, determinadas pelas mesmas "grandes correntes", segue-se que a primeira não é o "reflexo" da segunda, uma vez que elas são, em níveis diferentes, duas expressões particulares do mesmo determinismo. Daí a contradição fundamental que implica a expressão "literatura proletária", decorrente da forma que a *Monde* dá a sua primeira pergunta. (LÉVI-STRAUSS, 1928, p. 9).

Esse debate que já estava presente nessa disputa entre socialistas e comunistas, ganhou intensa reverberação nas análises teóricas dos marxistas nas décadas seguintes, como bem sintetiza Gisèle Sapiro (2019; 2020). Essa querela em torno do papel do escritor e da literatura atravessava o campo literário, como nos mostra outra obra de Sapiro (2018). Ou ainda, a reverberação disso dos anos 1930 à década de 1950, notadamente nas lutas entre os escritores nas trincheiras da Ocupação e da Liberação (SAPIRO, 1999).

Desse modo, os escritos políticos de Lévi-Strauss integravam os debates do campo intelectual daquele momento da Europa, em particular da França, como evidencia seu artigo *Le Socialisme et la Colonisation*, publicado em outubro de 1929. O autor promovia essa discussão na tentativa de estabelecer um posicionamento entre o movimento socialista e se contrapor à direita.

> Por "colonização" entendemos a subordinação pela força de comunidades menos evoluídas econômica e socialmente a comunidades que atingiram um grau de evolução mais elevado. Se considerarmos a colonização nessa acepção ampla, podemos ver que a análise socialista anterior à guerra está desatualizada. (LÉVI-STRAUSS, 1929, p. 8).

Observemos que ele procura se posicionar na condição de porta-voz dos socialistas, condição que reportava também os comunistas aos debates sobre a internacionalização do campo intelectual (SAPIRO, 2009). Lévi-Strauss assinala a forma como o movimento socialista compreendia essa questão no período anterior à Primeira Guerra:

> A rigor, as críticas da Internacional dos Trabalhadores em relação à colonização se baseavam essencialmente em dois argumentos: a) Os socialistas combatiam as vastas expedições coloniais por razões econômicas e orçamentárias, acreditando que os formidáveis fundos exigidos pelos governos burgueses poderiam ter sido gastos mais proficuamente na reforma social e melhoria das condições da classe trabalhadora; b) A Internacional Socialista se manifestou contra a colonização em nome do direito dos povos à autodeterminação, princípio formulado pela Revolução Francesa e incorporado pela doutrina socialista sem submetê-lo à uma análise específica. (LÉVI-STRAUSS, 1929, p. 8).

Para o jovem socialista, esses dois argumentos não eram suficientes aos combates que se avizinhavam naquele momento. Nesses termos, manifestou seu posicionamento em relação a tal questão, cujo debate confrontava os intelectuais na arena política, como mostra Gisèle Sapiro (2009). Na sequência, Lévi-Strauss expõe a concepção que deveria nortear o socialismo internacional, ao expressar os interesses gerais da humanidade e sem deixar de dizer em que se diferia do modelo de colonização capitalista. A experiência colonial capitalista manifestava uma agressão de alguns sobre os demais e não atendia aos interesses da comunidade colonizada, cujo efeito consistia na diminuição do nível cultural e econômico dos colonizados. No entendimento dele,

> O socialismo não poderá aceitar a colonização tal como o capitalismo a concebe. Deve transformar o sistema colonial da burguesia e substituir a predominância de alguns elementos da comunidade sobre outros pela predominância geral da comunidade internacional para este fim, em que o sistema de mandato[19] parece trazer progressos consideráveis sobre o sistema de conquista. Expressa o esboço do controle coletivo por meio da Liga das Nações. O socialismo, ao buscar o pleno desenvolvimento de todas as possibilidades econômicas e intelectuais da humanidade, defende que o melhor meio para isso é a organização democrática e a atribuição a todos a responsabilidade pela gestão das coisas. A atribuição de mandatos pela Liga das Nações deve buscar o aperfeiçoamento da legislação social dos Estados candidatos e as garantias que eles oferecem a tal questão. (LÉVI-STRAUSS, 1929, p. 8).

As pautas dos intelectuais eram diversas. No entanto, se no momento de nascimento dos intelectuais (final do século XIX) as disputas se deram no âmbito

[19] Modelo adotado por meio da Liga das Nações que visava estabelecer uma administração internacional das colônias.

nacional, no período entre as duas guerras mundiais, as querelas assumiram um caráter internacional, como revela Sapiro (2009). As categorias direita e esquerda serviam de balizas para certo enquadramento dos escritores e intelectuais, pois a Ação Francesa fazia forte apologia dos valores ocidentais e nacionalistas (defesa do Ocidente) e os socialistas e comunistas defendiam um certo internacionalismo humanista (Romain Rolland) ou socialismo internacional (Lévi-Strauss). Assim sendo, nesses dois textos de Lévi-Strauss, podemos notar o debate que circunscrevia as disputas políticas e intelectuais no contexto internacional (SAPIRO, 2009), em que os binômios Ocidente-Oriente ou colonizador-colonizado integravam as batalhas diárias, assim como as disputas internas entre as frações da esquerda, isto é, a luta para definir o papel do escritor e da literatura proletária ou revolucionária entre socialistas e comunistas na França, no interior da qual esse jovem militante buscava converter-se no teórico do Partido Socialista, como afirma Alexandre Pajon (2011b).

## Considerações finais

Lévi-Strauss é uma personagem conhecida e reconhecida em diferentes espaços universitários do mundo. No caso brasileiro, como já indicamos, é objeto de diversas dissertações e teses que tratam de variados aspectos das ciências humanas. Seguramente, entre nós é pouco conhecida sua faceta política, embora se saiba que sua relação com a Frente Popular francesa lhe causou algum conflito com os grupos paulistas que estavam na direção política do projeto da FFCL-USP, como testemunhou Roger Bastide. No âmbito francês, Alexandre Pajon (2011a; 2011b) se dedicou a estudar esse aspecto dessa personalidade. Além disso, as entrevistas concedidas por Lévi-Strauss fazem alusão ao seu engajamento político no quadro socialista. Ao ser questionado por Eribon acerca de sua alteração de percurso, ele não hesitou em dizer que sua militância já se encontrava arrefecida no momento que escreveu a obra *Tristes tropiques* (1955). Não deixava de acompanhar os acontecimentos que se passavam, mas já não os interpretava como revelam seus escritos políticos de outrora. Ao dizer que o Maio 1968 se devia ao processo de esclerose das estruturas universitárias e não à ebulição dos grupos sociais, indica de modo preciso sua nova posição no debate do campo

intelectual francês. Não era alheio, indiferente, mas não integrava as frentes intelectuais, como expressaram as ações promovidas por Jean-Paul Sartre e Michel Foucault. Naquele momento, respirava os ares do estruturalismo, cujo contato remonta ao período vivido nos Estados Unidos, notadamente ao estabelecer diálogo com o linguista Roman Jakobson (DOSSE, 1993)[20].

Na sua juventude vivenciou intensamente as disputas dos meios políticos, literários e acadêmicos franceses. Era de uma geração que integrou as fileiras advindas do afamado Caso Dreyfus, pois como afirma Gisèle Sapiro (2018, p. 47, tradução nossa), esse acontecimento "teve um papel de catalisação dos intelectuais". A França estava atravessada pelas noções políticas - direita e esquerda. A partir do início do século XX, conforme Sapiro (2018), essas categorias integravam as múltiplas relações sociais. Para essa autora, essa configuração tinha relação com diversos fatores:

> [...] o crescimento do poder dos socialistas que modificaram as regras das disputas parlamentares, a emergência de partidos políticos, a concentração de uma fração de conservadores na República, o surgimento do "nacionalismo", e sobretudo, a bipolarização engendrada pelo Caso Dreyfus: "direita e esquerda se impuseram como representantes por excelência das duas Franças que se confrontavam apaixonadamente em nome da verdade, justiça, religião, nação, revolução". (SAPIRO, 2018, p. 45, tradução nossa).

O jovem Lévi-Strauss estava imerso nesse ambiente marcado pela constituição de um campo literário que buscava se posicionar com certa autonomia em relação à política (BOURDIEU, 1996; 2013b), assim como em um contexto de avanço das novas ciências humanas, notadamente das ciências sociais (CHARLE, 1983; 1994a; 1994b; 1995; 2000), (HEILBRON, 2006; 2008), e da profissionalização do campo político (SAPIRO, 1999; 2018). Dos anos 1930 à década de 1950, as batalhas do campo intelectual foram intensas, como mostra Sapiro (1999). Naqueles anos, especialmente no começo da Segunda Guerra, Lévi-Strauss viveu momentos de dificuldade na França em razão de sua origem judia. Em 1939, ele retornou do Brasil à França, migrando aos Estados Unidos da América em 1941, cuja permanência se prolongou até 1947. Nesse período, ele

[20] Sugerimos consultar os dois volumes de Dosse (1993; 1994) que tratam da história do estruturalismo.

ainda tinha alguma ligação com os antigos camaradas, mas sem uma ação de engajamento, como ele informa a Eribon.

A migração de Lévi-Strauss ao Brasil (1935-1939), depois aos Estados Unidos (1941-1947) exerceu um papel importante na sua alteração de percurso, pois um dos espaços dos possíveis era o engajamento político dos homens das letras ou escritores. Outro espaço dos possíveis estava circunscrito às profissões abertas pelas novas ciências sociais, experiência vivenciada no período que ele foi professor na FFCL-USP (1935-1937), nas curtas incursões etnográficas que realizava em São Paulo, mas profundamente marcantes após se desvincular da instituição universitária paulista (final de 1937) e realizar suas pesquisas de campo que são relatadas em *Tristes tropiques*. No início, suas atividades etnográficas estavam circunscritas aos finais de semana e ao período de férias, conforme seu depoimento:

> Em vez de voltar para a França [final de 1935], minha mulher e eu fomos para o Mato Grosso, para as aldeias Cadiueu e Bororo. Mas eu já tinha começado a fazer etnologia com os meus alunos: sobre a cidade de São Paulo e sobre o folclore dos arredores, do qual minha mulher[21] se ocupava mais especificamente. (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 31).

Lévi-Strauss foi professor de sociologia na FFCL-USP, como indicam os planos de aula que encontramos nos seus arquivos pessoais da Biblioteca Nacional da França e o nome da cadeira por ele ocupada. Existia um certo curto-circuito entre o que os brasileiros esperavam desse jovem professor francês e o que ele desejava realizar nas terras tupiniquins.

> Os brasileiros cultos tinham passado de Comte a Durkheim, que representava para eles um positivismo modernizado. Era, pois, sociologia que eles queriam. *Fui para o Brasil porque queria ser etnólogo*. E eu tinha sido conquistado pela etnologia em rebelião contra Durkheim, que não era um homem de campo, ao passo que eu descobria a etnologia de campo através dos ingleses e americanos. Eu estava, portanto, numa posição falsa. Chamaram-me para perpetuar a influência francesa, por um lado, e a tradição Comte-Durkheim, por outro. E eu chegava conquistado, naquele momento, por uma etnologia de inspiração anglo-saxônica. Isto me criou sérias dificuldades. (LÉVI-STRAUSS, 1990, p. 31, grifo nosso).

[21] Dina Dreyfus, nome de solteira após formalização do seu divórcio com Lévi-Strauss (1945).

Como se observa, no momento da chegada ao Brasil, Lévi-Strauss estava inserido no debate das novas ciências sociais, espaço em que construiu grande parte da sua trajetória. De acordo com suas memórias, no ambiente universitário francês, no início dos anos 1930, já havia uma atmosfera bastante favorável à etnologia, embora inexistisse qualquer disciplina dessa natureza nas faculdades.

Observa-se, a partir de meados dos anos 1930, um investimento na sua "vocação científica" em detrimento da "vocação política". Apesar disso, no momento de sua chegada ao Brasil escreveu o manuscrito intitulado *Le fascisme au Brésil*, com data de 10 de maio de 1935 (não publicado). Além disso, como relata Roger Bastide, ele teceu críticas ao posicionamento político do grupo paulista, notadamente às contestações do jornal *O Estado de S. Paulo* ao movimento socialista. No entanto, nas suas memórias não há indicação que tenha estreitado suas relações com os movimentos socialistas no Brasil. Naquele momento, na condição de integrante da Frente Popular, manteve contato a distância com as posições e tomadas de posições no campo político francês e europeu. Definitivamente, suas frentes empreendidas no âmbito da etnologia, as viagens no interior do Brasil, o cumprimento de créditos de disciplinas de antropologia no Museu do Homem (Paris), a organização da exposição na Galeria *Wildenstein* (Paris) da coleção resultante da expedição realizada entre os Cadiueus e Bororos, e a realização da afamada expedição Nambiquara, podem ser interpretadas como estratégias para integrar o campo de pesquisa da etnologia, assim como simbolizaram o processo de arrefecimento de seu envolvimento político nas trincheiras socialistas.

Depois do Brasil, seu destino foi a América do Norte. A migração para os Estados Unidos representou o contato com o estruturalismo, cuja marca se fez presente nas suas produções da segunda metade do século XX. O seu retorno à França coincidiu com o que Dosse (1993, p. 23) chama de "o eclipse de uma estrela: Jean-Paul Sartre". Para esse historiador (1993, p. 24), "o eclipse da estrela sartreana, se é a resultante de fatores políticos, também está ligado ao surgimento de uma nova configuração no campo intelectual: ascensão das ciências humanas", culminando na reivindicação de "[...] um espaço institucional a fim de permitir a expressão de uma terceira via entre a literatura e as ciências exatas" (DOSSE.

1993, p. 24). Naquele momento, conforme revela Dosse (1993, p. 24), "o sujeito, a consciência, vão apagar-se em proveito da regra, do código e da estrutura".

A expectativa é que este artigo tenha trazido ao debate acadêmico alguns aspectos do percurso político desse autor. A preocupação foi mostrar como essa personagem integrou o campo intelectual francês num momento em que as categorias direita e esquerda tomavam as múltiplas relações dos espaços universitário, literário e político. Igualmente, interessou-se em assinalar rapidamente as possibilidades científicas abertas com a nova configuração universitária na França, particularmente com a constituição das ciências sociais e o processo de profissionalização em novas especialidades, como sociologia e antropologia (etnologia), um dos espaços possíveis que marcou e foi marcado por Lévi-Strauss e muitos outros de sua geração. Assim sendo, privilegiou-se um estudo do engajamento político dessa personalidade, mas sem deixar de dizer que as razões da alteração do seu percurso (virada à "vocação científica") estão contidas nos fatores políticos, assim como nas visões de mundo, representações e práticas que constituem as tendências teóricas do século XX.

## Referências bibliográficas

AMBROISE, Jean-Charles. Écrivain prolétarien: une identité paradoxale. **Sociétés contemporaines**, v. 4, n. 44, p. 41-55, 2001.

BASTIDE, Roger. Entrevistadora: Irene Cardoso (1973). Entrevista publicada na revista **Discurso**, São Paulo, n. 16, p. 181-197, 1987.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE. Département des Manuscrits. Fonds Claude Lévi-Strauss. Disponível em**:** https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc134071/ca417. Acesso em: 20/10/2019.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE. Parti socialiste SFIO (France) Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11990935/parti_socialiste_sfio_france/. Acesso em: 18/11/2019.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte***:* génese e estrutura do campo literário. Lisboa, Presença, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: UFSC, 2013a.

BOURDIEU, Pierre. **Manet**: une révolution symbolique. Paris, Raison d'agir/Seuil. 2013b.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros, os estudantes e a cultura**. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: UFSC, 2014.

CHARLE, Christophe. Ambassadeurs ou chercheurs? Les relations internationales des professeurs de la Sorbonne sous la IIIe République. **Genèses**, Paris, n. 14, p. 42-62, 1994a.

CHARLE, Christophe. Des sciences pour un empire culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 133, p. 89-95, 2000.

CHARLE, Christophe. Intellectuels, Bildungsburgertum et professions au XIXème siècle. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 106-107, p. 85-95, 1995.

CHARLE, Christophe. Le champ universitaire parisien à la fin du 19ème siècle. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 47-48, p. 77-89, 1983.

CHARLE, Christophe. **La république des universitaires (1870-1940)**. Paris, Seuil, 1994b.

CLOUET, Stéphane. SFIO et PS: institutions culturelles. In : JULLIARD, Jacques ; WINOCK, Michel (Org.). **Dictionnaire des intellectuels français**: les personnes, les lieux, les moments. Paris: Seuil, 2002. p. 1284-1286.

DOSSE, François. **História do estruturalismo. O campo do signo**. v. 1. Trad. Álvaro Cabral. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1993

DOSSE, François. **História do estruturalismo. O campo do cisne, de 1967 a nossos dias**. v. 2. Trad. Álvaro Cabral. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

DOSSE, François. ***La marcha de las ideas:* historia de los intelectuales, historia intelectual**. Trad. Rafael F. Tomás. Valência: Editora Universitat de València, 2006.

DOSSE, François. **La saga dos intellectuels français. II. L'avenir en miettes (1944-1989)**. Paris: Gallimard, 2018.

FABIANI, Jean-Louis. Lévi-Strauss (Claude). In : JULLIARD, Jacques; WINOCK, Michel (Org.). **Dictionnaire des intellectuels français**: les personnes, les lieux, les moments. Paris: Seuil, 2002. p. 853-856.

FRANÇA, Melissa Matos. **Tristes trópicos, de Claude Lévi-Strauss**: entre a etnografia e a literatura. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HEILBRON, Johan. Qu'est-ce qu'une tradition nationale en sciences sociales? **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, Paris, v. 18, n. 1, p. 3-14, 2008.

HEILBRON, Johan. Comment penser la genèse des sciences sociales? **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, Paris, v. 15, n. 2, p. 103-116, 2006.

JULLIARD, Jacques; WINOCK, Michel. Introduction. In: JULLIARD, Jacques; WINOCK, Michel (Org.). **Dictionnaire des intellectuels français**: les personnes, les lieux, les moments. Paris: Seuil, 2002. p. 11-18.

LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. (Entrevista de Claude Lévi-Strauss a Didier Eribon). Rio de Janeiro: Nova Editora Fronteira, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Le fascisme au Brésil**. (Manuscrit). Rio de Janeiro, 10/05/1935, p. 1-4.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Le Socialisme et la Colonisation. **L'Étudiant socialiste**, n. 1, p. 7-8, oct. 1929.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Réponse à Monde. **L'Étudiant socialiste**, n. 10, p. 7-8, juil.-août 1928.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tropiques**. Paris: Plon, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Trad. Rosa Freire d´Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Vers une culture nouvelle: socialisme et laïcité - discours prononcé à Saint-Martin-de-Seignanx (Landes) à l'occasion de l'inauguration d'une école laïque. **L'Étudiant socialiste**, n. 6, p. 4-6, mars 1933.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001.

ORY, Pascal ; SIRINELLI, Jean-François. **Les intellectuels en France**: de l'affaire Dreyfus à nos jours. Paris: Armand Colin, 2002.

PAJON**,** Alexandre. L'influence politique de Claude Lévi-Strauss: essai de généalogie. **Esprit**, n. 8, p. 87-98, août/septembre 2011a.

PAJON, Alexandre. **Lévi-Strauss politique - de la SFIO à l'UNESCO**. Toulouse: Privat, 2011b.

RUFIN, Christophe. Claude Lévi-Strauss. In : LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tropiques**. Paris: Plon, 2019. p. 1.

SAPIRO, Gisèle. De l'usage des catégories de "droite" et de "gauche" dans le champ littéraire, **Sociétés & Représentations**, v. 11, n. 1, p. 19-53, 2001.

SAPIRO, Gisèle. **La guerre des écrivains - 1940-1953**. Paris: Fayard, 1999.

SAPIRO, Gisèle. **Les écrivains et la politique en France**: de l'Affaire Dreyfus à la guerre d'Algérie. Paris: Seuil, 2018.

SAPIRO, Gisèle. L'internationalisation des champs intellectuels dans l'entre-deux-guerres: facteurs professionnels et politiques. SAPIRO, Gisèle. (Éd.). **L'espace intellectuel en Europe. De la formation des États-nations à la mondialisation XIXe-XXIe siècle**. Paris: La Découverte, 2009. p. 111-146.

SAPIRO, Gisèle. Repensar o conceito de autonomia para uma sociologia dos bens simbólicos. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-27, 2020.

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. Trad. Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

SIRINELLI, Jean-François. **Génération intellectuelle**: Khâgneux et Normaliens dans l'entre-deux-guerres. Paris : Fayard, 1988.

SIRINELLI, Jean-François. **Intellectuels et Passions Françaises - Manifestes et Pétitions au XXe Siècle.** Paris: Fayard, 1990.

WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Trad. Eloá Jocobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

***Recebido em Setembro de 2020***
***Aprovado em Novembro de 2020***

***DOI: https://doi.org/10.14295/rbhcs.v13i25.11952***